

- 1- Você acredita que os acordos firmados em conferências como a Cop conseguem se transformar em políticas nos países? Por quê?

R: historicamente, as medidas e os princípios e os objetivos, negociados nas conferências das partes, que são as cops, não tem se transformado em medidas de aplicação práticas na urgência necessária às questões climáticas. O aquecimento da Terra, os resultados das consequências climáticas sejam de enchentes etc. Requerem uma intensidade muito maior. Então isso não tem acontecido. Existe uma pretensão de que a cada cop, esta velocidade seja aumentada para poder responder aos diversos fenômenos nos diversos países. Mas, o que tem que ser ressaltado, é que mesmo que ainda não consigamos transformar em políticas na efetividade, velocidade que os problemas climáticos e ecológicos requerem, é melhor que as pessoas continuem conversando do que não conversar.

- 2- Qual o papel da justiça social no debate ambiental? Podemos falar em transição energética justa no brasil?

R: Sim. No Brasil praticamente você tem que promover a justiça em quase todos os parâmetros, que o país é altamente desigual. Então, temos uma desigualdade ambiental muito forte. E o que é a desigualdade ambiental? É a forma diferenciada com que as pessoas, ou classes sociais tem acesso aos serviços prestados pela natureza, então de nada adianta, você ter uma transformação da política, transformação da forma em que se encara as questões ambientais se neste processo, também não estiver considerada, o acesso menos desigual de grande parte da população. Porque quem mais sofre com os impactos das mudanças ambientais são as classes menos favorecidas. O acesso a água, a ambientes com temperatura passível de ser vivida etc. Então, esse processo também precisa ser um processo de redução da desigualdade social. Pelo princípio básico de que o homem também pertence ao ambiente.

- 3- O senhor acredita que a Cop 30 pode deixar um legado positivo para a região amazônica e suas populações?

R: A grande importância da cop 30 acontecer em Belém, é poder chamar a atenção para urgência que tem, para o mundo, a floresta amazônica. Ela está localizada em vários países da américa do sul, mas ela é um bioma de importância global, é um dos biomas cuja alterações impactam o mundo inteiro. Ela é muito importante. Segundo ponto: a cop acontecer em um país de renda média, como o Brasil, em Belém, mostra uma serie de insuficiências. Saneamento, renda, habitação, ou seja, para mostrar que na verdade, estas insuficiências, os serviços que o brasil ainda não conseguiu universalizar e outros países fizeram há muito tempo, esse atraso, mostra que as transformações daquilo que for decidido das cops, em medida publica, ainda são muito mais urgentes. Então, a elevação da temperatura pode causar uma serie doenças. Mas

quem é que sofre mais? As pessoas cujo acesso a água, de qualidade, é mais problemático. Com o acesso a água problemático, você não tem como mitigar os problemas da alteração de temperatura. E aonde o acesso a água é problemático? Onde não tem saneamento. Então é fundamental, que as partes, países, empresas e instituições percebam a urgência de transformar aquilo que foi dito em políticas públicas. Falando do Brasil, na falta de compromisso dos países ricos em dotar os recursos necessários aos países pobres, não sobre a forma de financiamento, mas sobre a forma de doação, onde os países pobres possam também se preparar para a mitigação das mudanças climáticas. Ao colocar ênfase naquilo que os países ricos deixam de fazer por nós, parece que fica fora as atitudes que nós precisamos fazer por nós mesmos. Então, essa parte fica escondida, ex: nós não temos os recursos necessários para financiar todos os projetos, mas isso não significa que devemos explorar o petróleo na bacia do Amazonas. O Brasil é tão privilegiado do ponto de vista ambiental, que ele tem vários biomas de importância global, como o cerrado, o pantanal, a mata atlântica, que poderiam estar sendo muito melhor cuidados se nós não ficassemos esperando os recursos, mas tivéssemos ações próprias. Sim, dependemos dos recursos, mas não só se limitar a isso. Tem uma parte nossa que fica escondida quando a gente reclama que os países não estão dando os recursos. Quem que desenvolve a estrutura onde eles serão aplicados? Isso é uma tarefa nossa, e existe uma inércia que está escondida debaixo do argumento que é verdadeiro que as nações ricas não estão fornecendo os recursos necessários. E elas fornecem esses recursos, porque do ponto de vista financeiro, é muito melhor prevenir do que remediar as consequências, é muito mais barato.